

REPÚBLICA DE CABO VERDE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
DIRECÇÃO GERAL DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO

PROGRAMA DA DISCIPLINA DE

**FORMAÇÃO PESSOAL
E SOCIAL**

2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

9º E 10º ANOS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Programa da disciplina de Formação pessoal e Social
2º Ciclo
9º e 10º Anos

AUTOR

Américo Silva

COORDENAÇÃO

Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário

EDITOR

Ministério da Educação Ciência e Cultura
C.P. 111 - Praia
República de Cabo Verde

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Tipografia Santos, Lda
Praia
República de Cabo Verde

**Os meus sinceros
agradecimentos à
Dra Odete Carvalho e
ao Moisés Alves**

INTRODUÇÃO

O programa da disciplina de **Formação Pessoal e Social** para o 9º e 10º anos (2º Ciclo) e 11º e 12º anos escolaridade (3º Ciclo) do Ensino Secundário Reformado pretende dar continuidade ao programa do 7º e 8º anos (Tronco Comum). Com vista a retomar-se o programa na base da continuidade, torna-se necessário proceder a uma reorganização dos conteúdos programáticos do 1º Ciclo. Aliás, na avaliação, feita pela supervisora à aplicação restrita (e experimental) da disciplina de Formação Pessoal e Social, verificou-se que o cumprimento do programa para o 1º Ciclo ficou muito aquém do desejável, devido essencialmente a sua extensão, pelo que se impunha uma reformulação do programa, nomeadamente, transferindo alguns conteúdos para o 2º e 3º Ciclos. Verifica-se, por outro lado, a necessidade de se dar uma orientação diferente à alguns conteúdos tendo em vista a sua correcta adequação ao nível de desenvolvimento psicológico dos alunos do Tronco Comum.

ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA

Como é sabido, a **adolescência inicia-se pelos acontecimentos biológicos que caracterizam a puberdade e termina com a formação de valores e a identidade** que caracterizam a idade adulta. Parte-se, como afirma Sampaio, D. (1993) da **turbulência** causada pelas **modificações físicas** para a tentativa de **resolução** de uma série de **problemas psicossociais** que caracterizam a passagem para adulto. Curiosamente, a **estrutura organizativa do novo ensino secundário cabo-verdiano** consagrado na LBSE, divide-se em **três ciclos** que correspondem as **três fases da adolescência**, à saber: (1) **primeira fase** (12,13-15 anos) caracterizada, sobretudo, pelas **mudanças físicas**. É, também, uma fase de isolamento, introversão e de alguma solidão experimentado pelo adolescente; (2) a **segunda fase**, também, designada **fase média**

(15-17 anos) começa, no adolescente urbano escolarizado, com uma preocupação por vezes excessiva face aos problemas do corpo, passando pela crescente **importância** do **grupo de pares** e da **amizade** até a luta pela independência emocional e **autonomia face à família**. Ganha também importância, na fase média da adolescência, o «curtir» (namoro instável e efémero), as saídas à noite (ída as discotecas), a música e o desporto; (3) a **terceira fase** da adolescência (aproximadamente 18-20 anos) é caracterizada, em primeiro lugar, pela diminuição da importância do grupo, pelo namoro

mais estável e duradouro e pela **construção da identidade pessoal**. Assim, a identidade sexual, a formação do carácter e de um **sistema de valores** marcam o **fim da adolescência**, ocorrendo, segundo Sampaio, D. (1993), no adolescente urbano escolarizado cerca dos vinte e um anos.

Adequação do Programa de FPS as Fases de Desenvolvimento da Adolescência

A **1ª fase** corresponde a faixa etária dos alunos do **1º Ciclo** (Tronco Comum). Assim, penso que é desejável que o **programa do 1º Ciclo** dê especial atenção as **mudanças corporais** (crescimento dos ossos, músculos e outros tecidos, a coordenação motora no corpo em crescimento, o papel das glândulas e a produção hormonal, o desenvolvimento das características sexuais primárias e secundárias, reacções as mudanças corporais e sexuais, a auto-imagem corporal, etc).

O **programa do 2º Ciclo** abrange os alunos que estão na **fase média** da adolescência, pelo que aborda vários temas ligados as tarefas de desenvolvimento dos jovens. Procura, no entanto, dar realce as **relações interpessoais horizontais** (grupo de pares, amigos, colegas, etc) e as **relações interpessoais verticais** (pais, professores e outras figuras significativas). Centrando-se, na Tomada de Perspectiva Social (TPS) e nas Estratégias de Negociação Interpessoal (ENI), pretende contribuir para a promoção do Desenvolvimento Sócio-Cognitivo dos jovens estudantes cabo-verdianos, apoiando-os no processo de **aquisição da autonomia**.

Por seu lado, o **programa do 3º Ciclo** destinado aos alunos que já atingiram a **3ª fase da adolescência**, dá destaque a dois aspectos fundamentais: a **construção da identidade** e a **clarificação dos valores**. Com efeito, faz mais sentido falar de valores numa altura em que os alunos estão já adiantados no estágio das operações formais. Segundo a teoria de J. Piaget é por volta dos 16 anos que se completam as estruturas operatórias formais. É, pois, por esta altura que o adolescente interessa-se pela discussão de novos valores relativos à política, à religião, à moral, à arte e à sociedade.

Deste modo, o programa foi estruturado dando destaque a determinados conteúdos, tendo em conta as características que a Psicologia do Desenvolvimento estabelece para a adolescência. Nesta base, o **programa para o 2º e 3º Ciclo** tem dois eixos aglutinadores: (a) as **relações interpessoais** e

a aquisição de autonomia - 2ºCiclo e (b) a construção da identidade e educação para os valores - 3º Ciclo.

O programa aborda, ainda, outros assuntos, tais como: a **saúde sexual e reprodutiva, orientação vocacional, transição escola-trabalho, desenvolvimento de competências de estudo, educação para a saúde, educação ecológica, problemas juvenis (delinquência, o uso de drogas, o suicídio, a depressão; etc).**

A Escola no Limiar do séc. XXI

A ideia de que a razão de ser da escola são os alunos, implica que os educadores, os psicólogos, os psicopedagogos e demais autoridades na matéria, comecem, urgentemente, a procurar conhecer a realidade que estes vivem na escola, isto é, **o como sentem, o como vêm e o como estão nela.**

Alunos de Hoje

Não há dúvida que a diferença, em termos de atitudes e comportamentos, entre os adolescentes que frequentam hoje as nossas escolas secundárias e os adolescentes que as frequentaram há uma década atrás, é significativa. Quando terminamos o 2º ano do Curso Complementar em 1987, no Liceu Ludgero Lima, era impensável um aluno aparecer no Liceu com brincos, cabelos rasta ou trajado ao estilo “rap”. Também, era impensável encontrar um aluno a fumar “padjinha” no Liceu ou nas imediações do edifício. Por ventura, nessa altura, os conflitos professor/aluno, aluno/aluno, não só, eram menos frequentes, como também, eram menos graves.

Hoje, Sua Excia o Ministro da Educação, Ciência e Cultura, pode receber uma exposição de um(a) aluno(a) de 15, 16, 17 ou 18 anos, a solicitar a S.Excia se digne autorizar a sua inscrição no Liceu ou num exame porque, devido a droga, deixou de ir as aulas e reprovou o ano por faltas. E mais e mais casos, da gravidez precoce passando pela agressividade e violência até a perseguição dos professores, suspensão das aulas, abandono e o insucesso escolar.

No entanto, **muitos alunos** não concordam com **alguns alunos** que fumam nas grades do Liceu Domingos Ramos, nem com os alunos que namoram à vista de todos. Também, **muitos não são indisciplinados, respeitam os professores, estudam e tem bom rendimento escolar.** Discordamos daqueles que dizem que os jovens de hoje estão perdidos. Estamos convencidos que a

maior parte dos alunos “vão bem”.

Ocorreram **mudanças bruscas**, nos últimos dez anos, na **estrutura social da população escolar**, o que impõe, sem dúvida, uma profunda reforma da escola por forma a ajustar-se aos interesses, expectativas e sentimentos dos alunos. Por outro lado, é urgente, encontrar-se estratégias eficazes de trabalhar, com os alunos, os **valores sócio-morais e familiares da sociedade cabo-verdiana**, bem como a **reafirmação da cultura cabo-verdiana**. Reafirmar a nossa cabo-verdianidade não implica interditar o acesso ou o uso de produtos culturais estrangeiros. Deste modo, é de se evitar a **crítica fácil** aos adolescentes que, p. ex., gostam de “rap”. O facto de cantarem “rap” em crioulo, é já muito positivo, pois estão a valorizar o veículo número um da nossa cultura: **a língua cabo-verdiana**, como meio de expressar as suas ideias, as suas preocupações, os seus temores, o seu sentido de justiça, enfim, o seu projecto de sociedade. Apesar de muitos **jovens cabo-verdianos** gostarem de “rap”, também **muitos há que gostam da morna, da coladeira, do funaná, do batuque**, etc, de forma que estes não se encontram em risco de desaparecer ou sequer de empobrecimento. Vão continuar a existir e a enriquecer a cada dia que passa. Ora, os gostos, os interesses, as paixões dos adolescentes (embora sejam sinceros, frontais e corajosos) são transitórios e, muitas vezes, bastante efémeros. Os mesmos que agora gostam de música estrangeira dentro de um ou dois anos já não vão gostar tanto e aquilo que é nosso “vai lhes dizer mais”... Os jovens que hoje vestem-se à «afro-americano» adoptando o andar balanceado bem como os trejeitos gestuais (mãos e cabeças) dentro de dois anos são capazes de achar “leviano” os adolescentes que entretanto começam a imitar os negros americanos. Assim que entram na idade adulta aquilo que valorizavam na adolescência desvaloriza-se e a cabo-verdianidade impor-se-á naturalmente. Pensamos que medidas drásticas, de proibição ou de crítica fácil, são de evitar. Evidentemente, que vai ser preciso levar-lhes a estudar a **Cultura Cabo-Verdiana**, aliás, já existe um espaço curricular para tal. É fundamental perceberem a beleza do nosso artesanato, a beleza fina da nossa poesia, a profundidade sentimental das nossas mornas, a riqueza da nossa literatura, o exotismo da nossa dança, o valor do nosso folclore, etc, para que possam assumir com dignidade e orgulho a sua nacionalidade cabo-verdiana. Acreditamos que seja possível levar as nossas crianças e jovens a preservarem os valores da sociedade cabo-verdiana e a cultura de Cabo Verde. Embora os conteúdos referentes à cultura cabo-verdiana não sejam objecto da disciplina de Formação Pessoal e Social, ela ao promover o desenvolvimento psicológico dos alunos vai por certo facilitar a adesão dos mesmos a preservação e valorização da nossa cultura. Isso tendo como pressuposto que quanto maior

for o desenvolvimento sócio-cognitivo de um adolescente cabo-verdiano menos provável torna-se a sua possibilidade de alienação cultural.

PARA MELHOR COMPREENDER OS ADOLESCENTES CABO-VERDIANOS

Foi com esta preocupação que ao longo do ano lectivo 1994/95 e 1995/96 recolhemos, junto de cinco turmas do 1º ano do Curso Complementar do LDR e quatro turmas do 1º CC do LLL, dados sobre diversas tarefas de desenvolvimento dos jovens, tais como, “a autonomia face aos pais”, “ideias sobre a sexualidade”, “relações interpessoais horizontais e verticais”

“auto-imagem física e psicológica”, “a percepção que têm da escola - como vêem e como sentem na escola” e a “relação professor-aluno”. Os alunos fizeram redações sobre os temas supra referidos tendo, os dados, sido tratados através da **técnica de análise de conteúdo**.

Verificámos, embora estas conclusões terão que ser revistas, que existem muitas semelhanças entre a forma como a adolescência é vivida em Cabo Verde e a forma como ela é vivida na maior parte dos países ocidentais. Na verdade, não é prática, em Cabo Verde, rituais de passagem da infância a idade adulta ao contrário da maior parte dos países africanos onde cerimónias diversas (p. ex. a circunsição, lutas sangrentas, disputas com animais ferozes e outras provas de coragem e sacrifício) são marcos obrigatórios de passagem para a idade adulta. No entanto, com ou sem preparação os cabo-verdianos tem passado, ao longo dos tempos, por esta fase de desenvolvimento com mais ou menos sobressaltos. Por ventura, actualmente os adolescentes cabo-verdianos que passam por esta fase, de forma turbulenta tem aumentado, por causa do consumo de drogas, que é um fenómeno recente em Cabo Verde. Porém, **estamos convencidos que a maior parte dos adolescentes cabo-verdianos passam por esta fase de forma relativamente pacífica(3)**. Tal como nos países ocidentais a **tarefa principal dos adolescentes cabo-verdianos é a aquisição da autonomia**. Temos notado que a independência face a família refere-se mais a autonomia das condutas do que à vontade de ruptura afectiva ou ideológica. De uma maneira geral, na primeira adolescência os jovens estão ainda muito ligados aos pais e, geralmente, declaram não sentir preparados para encarar a vida sem o seu suporte material e emocional. Em fases posteriores da adolescência, temos verificado que uma maior autonomia de comportamento é a característica que predomina, uma vez que afectiva e ideologicamente o jovem continua com uma forte ligação aos pais e do ponto

de vista material é dependente.

Em Cabo Verde os principais conflitos que os adolescentes tem com os pais diz respeito à organização da sua vida quotidiana:

- conflitos quanto aos hábitos de vida;
- conflitos em torno da vida escolar;
- conflitos de valores;

Os **pais cabo-verdianos** (e isso é extensivo aos **professores**) são apontados pelos filhos adolescentes como **autoritários, rígidos e pouco dados ao diálogo e a negociação** - estes últimos tão fundamentais nesta fase de desenvolvimento. Na adolescência actual, a lei da força não conduz a bons resultados e nós todos sabemos-lo bem. De facto, uma atitude rígida é prejudicial mas, no entanto, o adolescente necessita de quadros de referência que lhe permitam estruturar-se: são necessárias **regras**, mas o adolescente deve ter a possibilidade de intervir na sua formulação e de as criticar abertamente.

Por outro lado, parece-nos que a maior parte dos pais cabo-verdianos não sabem o que é a adolescência, apesar de serem eles os primeiros a confrontarem com as dificuldades deste período de desenvolvimento. Para eles só existem crianças de um lado e adultos de outro. A adolescência não existe. Só muito recentemente se começou a falar dos adolescentes. Quem fala dos adolescentes são alguns técnicos (mas com tecnicismo, infelizmente!) e, com alguma demagogia pelo meio, os políticos.

Os conflitos dos adolescentes, quer com as famílias, quer com os professores, assumem, actualmente, novas facetas. Pensamos que o surgimento das reivindicações mais ousadas e mais generalizadas dos adolescentes cabo-verdianos tem que ver com, por um lado, as influências da TV e Rádio, que com a abertura política para a Democracia, não só aumentou a sua taxa de cobertura como também, e sobretudo, passou a difundir programas não censurados e mais ousados. É, ainda, de realçar o acesso à video-cassetes disponíveis nos inúmeros Clubes, bem como, os canais de Televisão estrangeira como a RTPi, CFI Canal Plus, CNN e outros. Com a abertura política Cabo Verde passou a estar em sintonia com o mundo. Qualquer novidade em termos de música, informática, TV, moda e cinema (esta última com mais limitação) chega quase imediatamente ao país. Ultimamente a música "rap", com grande aceitação junto dos adolescentes cabo-verdianos, tem estado a influenciar largas faixas de adolescentes, facto evidente não só na existência de um grande numero de grupos de "rappers" como também pela adopção do estilo, das roupas, brincos, ténis, cortes de cabelo, etc. Os pais cabo-verdianos (e também os professores)

tem uma grande dificuldade em aceitar as novas tendências da moda que os filhos preferem. O corte de cabelo, a roupa, o “rap” são **aspectos acessórios** que não devem merecer tantos reparos.

Pensamos que é fundamental um **professor da disciplina de Formação Pessoal e Social** conhecer estes aspectos para melhor poder relacionar com os jovens. Os adolescentes de hoje são mais capazes de discutir tudo e enfrentar os problemas. Aos jovens compete inovar, lançar ideias criativas, contestar, aos professores compete estabelecer os limites através de regras claras e firmes, esclarecer e também criticar os excessos dos jovens. Se assim for cumprir-se-á, em boa parte, os objectivos da Formação Pessoal e Social.

EDUCAÇÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

Partindo do pressuposto que a educação escolar tem uma função importante na preparação para a entrada na vida adulta, o presente programa privilegia os conteúdos ligados as principais tarefas com que os adolescentes se confrontam tendo em vista se constituírem como adultos.

Com efeito, a **intencionalização da educação escolar pode levar à promoção do desenvolvimento psicológico e a aquisição de competências de vida**. Assim, torna-se um imperativo inadiável a criação nas escolas das condições que proporcionem a todos os alunos ocasiões de **desenvolvimento de processos e atitudes psicológicas** bem como aquisição de **capacidades de acção**.

Com a criação da disciplina de **Formação Pessoal e Social** no 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Secundário em Cabo verde, ainda que, com o objectivo primeiro de garantir a formação cívica dos jovens estudantes cabo-verdeanos constituí, pensamos nós, um pequeno passo em direcção a promoção do desenvolvimento psicológico nos nossos estabelecimentos de ensino.

Actualmente, é opinião generalizada de que a família encontra-se em crise, não tendo, por isso, os jovens um espaço de diálogo em casa. Preocupação maior são, sobretudo, os alunos na faixa etária denominada adolescência, os quais, tem muitas vezes, um confronto doloroso e problemático com as diversas tarefas de desenvolvimento psicológico e de aquisição de competência de vida.

A afectação de psicólogos às escolas, onde for possível e a capacitação/formação de professores capazes de ouvir e ajudar os alunos em domínios tão

variados como, por exemplo, em questões de escolha escolar e profissional, de confronto com a aprendizagem escolar, de relacionamento interpessoal e social, de aquisição de autonomia, de falta de confiança em si próprio, de ansiedade ou apatia face à realização, de participação social, de vida em grupo é uma necessidade que se impõe.

Claro que este exercício de ajuda e apoio psicológico não seria apenas para superar situações de bloqueio da expressão, da realização ou organização pessoal em situações de crise ou dificuldade, mas, ainda, para capacitar os jovens alunos para lidarem construtivamente com as tarefas da existência com que se vão confrontando ao longo da vida. Também, este tipo de intervenção não visa apenas actuar directamente junto dos jovens mas através de várias estratégias, procurando igualmente, contribuir para melhorar a qualidade de vida psicológica que lhes é proporcionada na sala de aula, na escola, na família bem como nas relações da escola com a família e com a comunidade envolvente.

A disciplina de Formação **Pessoal e Social** que surge, a partir do 1º Ciclo do Ensino Secundário (7º e 8º anos - Tronco Comum), no âmbito da Reforma do Ensino, constitui, sem dúvida uma resposta evidente à preocupação em se **intencionalizar a educação como meio de promoção do desenvolvimento psico- lógico dos alunos.**

Esta nova disciplina -**FPS** - a assegurar nas actividades curriculares, tem como componentes, à título de exemplo, a Educação para a Saúde, a Educação para os Valores, a Educação Familiar, a Educação Sexual, a Educação Cívica, etc. É-lhe atribuída um espaço curricular disciplinar (duas horas por semana) em todas as vias do ensino secundário, do Tronco Comum ao 12º Ano de escolaridade.

No quadro desta função de **Formação Pessoal e Social** da educação escolar é importante ter presente “o desenvolvimento dos processos psicológicos indispensáveis para aquisição e manifestação de competências que permitam resolver de modo mais flexível e criativo possível, as mais diversas situações de vida (familiar, sexual, profissional, cívica e social), cada vez mais exigentes, com que as pessoas se confrontam ao longo da sua existência”. (1)

Desevolvimento Psicológico e Clarificação de Valores **- Preocupações dominante do programa -**

Segundo, Paiva Campos, B. (1990), a **Formação Pessoal e Social**, enquanto objectivo da educação escolar, tem como ponto de partida várias preocupações, de que se destacam três, até certo ponto relacionadas com as mudanças em curso no processo de socialização das novas gerações:

1. **a capacitação para a resolução dos problemas de vida;**
2. **a promoção do desenvolvimento psicológico;**
3. **a educação para os valores;**

Conforme a preocupação dominante, assim serão os contornos que a FPS assumirá.

Embora, estejamos consciente de que apenas a disciplina de **FPS** não consegue dar conta de todos os objectivos pretendidos para proporcionar o desenvolvimento integral do aluno do ensino secundário procuramos, entretanto, elaborar um programa que integre as três preocupações acima referidas. Assim, a **preocupação dominante no programa do 2º Ciclo é a dimensão psicológica** enquanto que no do **3º Ciclo o destaque vai para a clarificação de valores**. De facto a criação da **FPS** é o primeiro passo, **intencional**, dado em direcção ao **desenvolvimento integral do aluno do ES**. Este passo é, porém, insuficiente. Vai ser preciso arranjar-se mais estratégias para operacionalizar a área de **FPS**, a qual, não deve esgotar-se, apenas, num espaço curricular. Deste modo a disciplina de **FPS** não é a panaceia para todos os “males” que afectam actualmente o nosso sistema de educação.

Por outro lado, a **FPS** deverá ser entendida como o “espaço” onde, não só, se fala de tudo, mas também, e sobretudo, como uma ocasião para a **promoção do desenvolvimento psicológico**.

Deste modo, para além dos conteúdos a incluir nesta disciplina, é necessário prestar atenção ao processo de desenvolvimento psicológico que a Psicologia, nas últimas décadas, tem mostrado ser possível promover.

Assim, passamos a referir aquilo que se pode considerar uma primeira lista de objectivos psicológicos a atingir no âmbito da **Formação Pessoal e Social**:

a) **“Um pensamento mais compreensivo que entre em conta com todas as variáveis e as suas relações, que coloque alternativas e antecipe consequências;**

b) **A capacidade de perceber vários pontos de vista e incorporar esses pontos de vista no diálogo e nas decisões;**

c) **A capacidade de ter um comportamento empático integrado, nas atitudes, a sensibilidade a círculos cada vez mais alargados de relações humanas;**

d) **O desenvolvimento do EU tanto mais identificado quanto mais integrador de possibilidades múltiplas, de perspectivas e sentimentos diferentes;**

e) e, finalmente, **a construção de valores universais que orientem o pensamento e o posicionamento moral do sujeito para além das meras convenções.(2)**

OBJECTIVOS GERAIS

a) **capacitar o aluno para a resolução de problemas de vida;**

b) **promover o desenvolvimento de estruturas e competências psicológicas;**

c) **fomentar um processo pessoal de adesão crítica a valores;**

d) **ajudar o aluno a desenvolver uma ideologia bem como a construir um sistema de valores para a guia da sua vida;**

e) **ajudar o aluno na criação de um projecto de vida escolar e profissional;**

f) **contribuir para a aquisição de conhecimentos, atitudes e comportamentos necessárias a cidadania numa sociedade democrática;**

g) incentivar o desenvolvimento da **autonomia**, levando o aluno a procurar melhorar a sua própria **qualidade de vida** e a aprender a **tomar decisões**;

h) estimular o aluno a construir **relações afectivas saudáveis** e reconhecer-se como sujeito **activo e participante** dentro de seu **grupo social**;

i) promover junto do aluno hábitos e atitudes de uma **saudável conviência social**: aprender a conviver com a diferença; aprender a comunicar; a interagir;

k) levar o aluno a aprender a **zelar pela saúde**;

j) ajudar o aluno a reconhecer a importância da **conservação do meio ambiente**;

l) promover no aluno a maturidade que lhe permita ter do **trabalho** uma **ideia positiva**;

m) e, finalmente, levar o aluno **conhecer-se a si próprio** com realismo (os seus interesses, valores, desejos, aspirações, etc)

PERFIL E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR DE FPS

«Ser aluno no nosso sistema de ensino actual é receber informações, conselhos, estímulos respeitantes às aprendizagens a fazer, mas é também (e talvez sobretudo) depender de um adulto (o professor) que detém a autoridade, de um adulto que vos julga, vos avalia, vos persegue, com as repreensões ou vos ignora» (G.Ferry, cit. por Postic, Marcel, A Relação Pedagógica, p. 91).

A disciplina de FPS exige do professor a redefinição do seu papel e do seu estilo de acção. Esta exigência também decorre do novo sistema de ensino reformado. Com efeito, a reforma impõe, em termos de relação professor-aluno, o abandono da relação tradicional e a passagem para uma relação diferente em que o docente deve perceber e aceitar o aluno como um ser independente, que tem a sua liberdade, os seus direitos pessoais, etc. Na relação pedagógica, a mediação do docente deve, na nossa opinião, em vez de ser de natureza intelectual, ser de ordem afectiva.

Para Postic, M. (1990), a descrição que o professor faz dos seus alunos está influenciada pelo estatuto escolar destes, sendo este estatuto definido pelo nível escolar que ele julga que deve ser atingido. Deste modo, segundo

M.Gilly, o papel profissional do docente leva-o a construir a sua representação do aluno a partir da sua expectativa dos resultados escolares, porque a instituição escolar privilegia estes valores. Conforme o aluno corresponde ou não à sua expectativa profissional, isto é, conforme o grau de sucesso escolar, o professor julga-o bem ou mal. O estatuto escolar predomina sobre o estatuto sóciofamiliar do aluno, o que faz com que a **relação professor aluno assente num mal-entendido**. Com efeito, enquanto o professor privilegia, na sua relação com o aluno, os aspectos cognitivos do mesmo, deixando para segundo plano **as qualidades afectivas e relacionais**, o aluno, pelo contrário, concede mais importância às **qualidades humanas e relacionais** do professor (tais como as que a seguir se apresentam e que foram indicados pelos alunos do 1º ano do CC dos Liceus “Domingos Ramos e Ludgero Lima”) **compreensão, doçura, amizade, ajuda, apoio, carinho, ternura, respeito**. Resumindo e concluindo, a **relação pedagógica tem estado assente num grande equívoco**. No quadro da FPS sugere-se que o professor dê especial atenção as qualidades afectivas da relação. Frey (1978) indica que “um professor que é amigável, dinâmico e personaliza a relação, pode seduzir os alunos a aprenderem mais”(3).

Portanto, uma relação ideal professor-aluno terá que basear-se nos seguintes pressupostos:

a) empatia manifestada pelo professor:

-a **empatia** dá-se quando o professor vivencia e compreende de forma exacta o mundo íntimo do aluno, sendo capaz de comunicar que é sensível ao problema que o aluno lhe apresenta. Trata-se de perceber o mundo interior do aluno, ou seja, quando pode apreendê-lo “de dentro” tal como o aluno o vê. Em resumo, a empatia é o professor compreender os sentimentos pessoais e íntimo do seu aluno como se fosse o seu, mas sem jamais esquecer a qualidade de “como se”.

b) atitude positiva de afectividade do professor para o aluno:

-o professor capaz de demonstrar uma atitude afectuosa, positiva, e de aceitação do aluno como pessoa, pode promover o desenvolvimento do mesmo. A questão que se põe segundo Rogers é se “o professor será capaz de ter uma atitude positiva para com o aluno - atitudes de calor, de

atenção, de afeição, de interesse, de respeito?” Isto não é fácil. Normalmente as pessoas manifestam um certo receio em relação a esses sentimentos. Para Rogers, tememos que, se nos deixarmos ficar abertos à experiência destes sentimentos positivos para com o outro, poderemos ser enredados por eles. Os outros podem tornar-se exigentes ou desapontarem-nos na nossa confiança. e nós tememos as consequências. Assim, na optica de Rogers, por reacção, temos tendência para estabelecer uma distância entre nós mesmos e os outros - uma reserva, uma atitude «profissional», uma relação impessoal.

c) autenticidade do professor - acordo entre as suas palavras e os seus sentimentos:

-Rogers acredita também que o desenvolvimento pessoal é facilitado quando o professor é o que é, quando na relação com o aluno ele é autêntico, sem «máscara» ou fachada, e apresenta abertamente os seus sentimentos e atitudes que nele surgem em cada momento. Quem quer que seja que deseje estabelecer uma relação de ajuda de qualquer espécie deve mostrar sempre tal como é, transparente. Se numa dada relação a nossa atitude é suficientemente congruente, se nenhum sentimento referente a esta relação é escondido quer a nós mesmos quer aos outros, podemos estar então quase seguros de que se tratará de uma relação de ajuda com uma outra pessoa.

d) confiança transmitida pelo professor em relação a capacidade de aprendizagem do aluno:

-a última condição mas não menos importante, é o professor acreditar na capacidade do aluno em aprender. Ao permitir o aluno realizar actividades que sabe que ele vai ter sucesso, contribui de forma significativa para o aumento da auto-confiança e da auto-estima do aluno. Em resumo, permitir ao aluno experimentar o sucesso fortalece a sua confiança e promove o seu desenvolvimento pessoal.

Para além da formação que o professor de **FPS** já recebeu e, provavelmente, vai receber, é ainda, mais importante o esforço de desenvolvimento pessoal e social do próprio professor. Este processo de desenvolvimento pessoal é doloroso mas fascinante. Sugere-se aos professores a leitura atenta do capítulo

“Algumas Coisas Fundamentais Que Aprendi” do livro «**Tornar-se Pessoa**» de **Carl Rogers**, pp. 27-39,.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A disciplina de FPS, considerada como a «ex libris» do novo plano curricular consagrada pela reforma do ensino em Cabo Verde, deve ser progressista não só nos conteúdos que ministra, mas também, nas metodologias utilizadas para orientar as aulas. A preocupação **não deve ser a de ensinar conteúdos mas sim a de promover o desenvolvimento psicológico** dos alunos. Se assim for, então, o professor terá de recorrer a várias estratégias, sobretudo, as mais activas:

- Trabalhos de grupo;
- Relatos de história pessoal;
- Role-playing; Role-reverseal
- Dramatização;
- Debates;
- Entrevistas;
- Técnicas de auto-avaliação (auto-observação, auto-registo);
- Dinâmica de Grupos;
- Utilização de Questionários;
- Palestras;
- Discussão de Dilemas;

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Tendo em conta os **processos psicológicos a desenvolver** e as **competências de vida a adquirir**, bem como, os **valores a serem clarificados**, entendemos incluir no programa da disciplina de **Formação Pessoal e Social** para o **9º, 10º, 11º e 12º anos** a seguinte sequência de conteúdos programáticos:

PROGRAMA DO 9º ANO

1. Estabelecimento de boas relações de trabalho professor- grupo turma e intra-grupo através de entrevistas recíprocas;

1.2. Introdução ao Conceito de Puberdade e de Adolescência

1.2.1 Auto-imagem

- . corporal
- . psicológica

1.2.3 Tarefas de desenvolvimento dos jovens:

- . Amizade; Autonomia; Identidade

2. Desenvolvimento da Capacidade de Pensar - Utilização de Estratégias Metacognitivas no Estudo;

3. Desenvolvimento Sócio-Cognitivo

3.1 Desenvolvimento Interpessoal

3.1.1 Tomada de Perspectiva Social

3.1.2 Estratégias de Negociação Interpessoal

4. Uso e Abuso de Drogas

5. Mudanças Sexuais da Adolescência

6. Comportamento Sexual

6.1 Consequências de Relações Sexuais Sem Proteção

6.1.1 Gravidez Precoce

6.1.2 Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)

7. Contracepção

8. Prevenção de DST/HIV

9. Mitos e Tabus Sexuais

10. Orientação Vocacional

PROGRAMA DO 10º ANO

1. Apresentação do Grupo-Turma e Recolha de Expectativas

2. Exploração do EU (SELF) - Janela de Johari

3. Desenvolvimento Interpessoal

3.1 Relações Interpessoais Horizontais

.Grupo de Pares e Amizade

3.2 Relações Interpessoais Verticais

.Autonomia face aos Pais

4. Afectividade e Sexualidade

4.1 Prazer Sexual

4.2 Sexualidade como Comunicação

4.3 Aspectos Afectivos da Sexualidade

5. Educação para a Saúde - A Saúde do Adolescente

6. Orientação Vocacional

PROGRAMA DO 11º ANO

1. Percepção de Si Próprio
 - 1.1 Autoconceito de Adolescente
 - 1.2 Autoconceito de Estudante
2. Auto-Afirmação e Desenvolvimento Sócio-cognitivo
 - 2.1 Asserção Social
3. Desenvolvimento Moral
4. Educação Cívica
5. A Gravidez na Adolescência
6. Doenças Sexualmente Transmissíveis
7. Uso e abuso de drogas
8. Orientação Vocacional

O PROGRAMA DO 12º ANO

1. Apresentando o Programa e os Alunos
2. Educação para os Valores
 - 2.1 A Clarificação dos Valores
3. A Participação dos Jovens em Democracia
4. Identidade de Gênero e Papél Sexual
5. Dificuldades Sexuais

5.1. Disfunções Sexuais

5.1. Variações Sexuais

5.1. Abuso Sexual

6. Orientação Vocacional

7. Transição Escola-Trabalho/Universidade

PROGRAMA DO 2º CICLO
DE FORMAÇÃO PESSOAL E
SOCIAL

9º ANO DE ESCOLARIDADE

Ponto 1. Apresentação e entrevistas recíprocas

Este programa começa por retomar, no ponto um (1) as questões levantadas no programa do 7º/8º ano a respeito da Puberdade e Adolescência. Assim tem como primeiro objectivo introduzir, através das apresentações, uma discussão introdutória sobre mudanças corporais, auto-imagem, identidade, autonomia, amizade, projecto escolar e profissional, enfim, sobre algumas tarefas de desenvolvimento dos jovens.

Este ponto do programa visa criar um ambiente favorável intra-grupo turma, de modo que cada aluno se sinta envolvido numa relação de confiança. Portanto, a primeira actividade proposta para este conteúdo programático visa promover a interacção entre os alunos de modo a que estes sintam que estão perante um contexto seguro de partilha de problemas e de experiências (e também de novas aprendizagens), onde poderão dar o seu apoio e ser apoiados

O ponto 1 do programa pretende também referir a laia de introdução aspectos gerais sobre a fase de desenvolvimento dos alunos: da puberdade a adolescência. **No início da adolescência, o grau de maturidade física varia muito.** Entretanto, nenhuma das modificações físicas é tão importante como as atitudes dos próprios adolescentes em relação a estas modificações(*). **No início da adolescência, o grau de maturidade psico-social varia muito (*).** A maturação psico-social depende em parte do desenvolvimento físico, sendo que as raparigas amadurecem antes dos rapazes. **Conforme vão amadurecendo os adolescentes começam a fazer as suas escolhas.** São influenciados pela família, pela escola, pelo grupo de pares e por outras figuras significativas. Precisam aprender a pesar os valores destas figuras e tomar as suas próprias decisões. **Os adolescentes muitas vezes sentem-se isolados.** Eles têm a certeza de que ninguém os entende da forma como eles gostariam de ser compreendidos. Pensam muito, mas geralmente encontram dificuldades em se expressar. O seu processo de desenvolvimento vai depender, em parte, da habilidade de lidar com esta solidão(*). **Os adolescentes têm uma vida interior muito rica.** A fantasia e a imaginação são uma forma comum de expressão durante estes anos. Estas fantasias são um reflexo dos seus sonhos, dos seus medos, das suas esperanças. Os adolescentes são muito activos. Nesta idade, eles geralmente têm muita energia. Para eles, aprender é **fazer**. Precisam de muita actividade física, tanto na escola como fora dela.

A adolescência não é, ao contrário do que se diz, um período de crise, contestação, de conflito pais/filhos, de aventura sexual, etc. Segundo Sampaio, D. (1993), quando nos confrontamos directamente com os adolescentes e as suas famílias verificamos que, na maioria dos casos, os conflitos intrafamiliares não são catastróficos e estão centrados em questões quotidianas. A nossa experiência de atendimento psicológico de jovens no COEP confirma a tendência geral para dramatizar os conflitos da adolescência. Ainda, segundo o citado autor, diversos estudos epidemiológicos têm também demonstrado que **apenas 20% dos jovens percorrem a adolescência com perturbações emocionais graves**. Portanto, este período é, para a maior parte dos adolescentes, uma simples etapa do desenvolvimento que leva à idade adulta e cuja questão essencial é a da autonomia. A procura da identidade e a autonomia são, para Sampaio, D. (1995), as questões centrais da adolescência. A construção da identidade é, para Vieira de Sousa (1993), a mais difícil de conseguir na vida. O adolescente vive um importante momento de transição em que pode pôr tudo em causa: Quem sou eu? O que posso e o que quero ser? O que não quero? As respostas para estas dúvidas procura-as (encontra-as) questionando tudo: valores, interesses, desejos, vontades, atitudes e comportamentos. O adolescente vive também o momento de conquista da sua autonomia, construir um projecto de si, abandonar a relação de dependência infantil com os pais.

Ponto 1: Estabelecimento de boas relações de trabalho professor-grupo turma e intra-grupo.

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>.Apresentação do professor, dos alunos e do programa.</p> <p>.O conceito de puberdade</p> <p>.O conceito de adolescência</p> <p>.Auto-imagem: .corporal .psicológica</p> <p>.Tarefas de desenvolvimento dos jovens: .Amizade .Identidade .Autonomia</p>	<p>.Facilitar o conhecimento mútuo como forma de garantir o estabelecimento de interrelações propícias ao funcionamento do grupo-turma.</p> <p>.Promover a interação em grupo.</p> <p>.Mostrar que nenhum aluno da Turma pode passar despercebido.</p> <p>.Promover a descentração do próprio caso e tomada de contacto com outros formas de vivenciar a adolescência.</p> <p>.Criar o sentido de comunhão de problemas, isto é o espírito de união e entajuda entre os alunos.</p> <p>.Compreender as modificações do período de puberdade e de adolescência.</p>	<p>”Apresentação e Entrevistas Recíprocas” (ver anexo A)</p> <p>Entrevista</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quem és tu? 2. Se pudesses mudar alguma coisa no teu corpo o que é que mudavas? 3. Se pretendes mudar a tua maneira de ser o que é que pensas mudar? 4. O que significa a amizade para ti? 5. Como é que mostras amizade a uma pessoa? 6. Que profissão queres exercer no futuro? 	<p>50 min</p>

Ponto 2. Desenvolvimento e competências de estudos

O ponto dois (2) aborda a questão do desenvolvimento de competências de estudo, isto é, como levar os alunos a aprender a estudar mais e melhor.

Organiza-se uma série de material, com vista a proporcionar ao professor, uma abordagem simples e directa, das várias dimensões que envolvem o acto de estudar, ajudando assim os alunos a desenvolver a capacidade de pensar. O objectivo não é o de uma análise exaustiva do tema, mas sim, o de criar um pequeno conjunto de actividades e materiais que respondam às questões e dificuldades dos alunos. Pretende-se, pois, que os alunos, após a aquisição de algumas estratégias metacognitivas estejam aptos a aprender (a estudar) mais e melhor.

Ponto 2: Desenvolvimento da Capacidade de Pensar - Utilização de Estratégias Metacognitivas

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
.Auto-Avaliação dos Hábitos de Estudo	.Levar o aluno a tomar consciência das várias dimensões que o acto de estudar envolve	.Preenchimento de um Questionário	25 MIN
.Organização do Tempo	.Contribuir para uma melhor organização e distribuição do tempo de estudo	.Elaboração de um horário (Anexo A2)	25 MIN
.Atitudes e Condutas face ao Estudo	.Promover a mudança de atitude face ao estudo	.Marcação do tempo semanal (em cada dia da semana) TPC na Ficha de Auto-Avaliação do Tempo de Estudo (Anexo A3)	10 MIN
.As aulas	.Promover comportamentos adequados na sala de aula	.Preenchimento do Questionário "Mitos e Crenças" (Anexo A4)	20 MIN
.Condições de Estudo	.Levar o aluno a tomar consciência da influência das condições de estudo, na sua rentabilidade	.Exercícios de Tomada de Nota (Anexo A5)	20 MIN
.Optimização da Leitura	.Conhecer e aperfeiçoar os processos de aprendizagem e memória	.Simulação de formas de Participação na aula	
	.Fornecer modelos de preparação de testes de avaliação	.Preenchimento da Ficha de Identificação dos TPC Distratores de Estudo (Anexo A6)	
	.Reduzir a ansiedade face a realização de testes	.Exercícios de memorização/aprendizagem (Anexo A7)	
		.Treino de estratégias de estudo (Anexo A8): - sublinhar - anotações ao lado - auto-questionamento - resumir - pôr títulos e sub-títulos	
		.Dramatização de situações de teste (Anexo A9)	
.Preparação de Testes de Avaliação		.Elaboração de um Plano de Estudo (Anexo A10)	

PONTO 3. Desenvolvimento sócio-cognitivo

O Desenvolvimento Sócio-Cognitivo - o desenvolvimento interpessoal insere no âmbito dos estudos sobre a **COGNIÇÃO SOCIAL**, a qual tem como objectivo “descrever e explicar os processos e conteúdos do pensamento, do conhecimento e do raciocínio sobre questões e relações sociais. Mais concretamente, os psicólogos que estudam a Cognição Social (área da Psicologia do Desenvolvimento), procuram respostas para questões tais como:

- **o que é que o outro vê?**
- **qual é o sentimento do outro?**
- **o que é que o outro pensa?**
- **qual é a intenção do outro?**
- **quais são os gostos do outro?**

Neste programa adoptamos o modelo conceptual de Robert Selman do desenvolvimento de estruturas cognitivas de compreensão da realidade interpessoal (**Tomada de Perspectiva Social - TPS**) e de organização para a acção interpessoal (**Estratégias de Negociação Interpessoal - ENI**).

A TPS diz respeito a capacidade de construir e coordenar pontos de vista alternativos (do próprio e dos outros) sobre a realidade social. Por seu lado, as ENI dão conta da capacidade de resolução de situações interpessoais problemáticas.

Tendo em conta a faixa etária 15/16 anos dos alunos do 9º Ano, período crítico para a resolução de tarefas psicossociais da adolescência(familiares,psicossexuais,vocacionais,civicas...) este ponto do programa procura, por um lado, ajudar o aluno a melhor pensar e compreender as relações interpessoais e, por outro lado, ajuda-lo a organizar melhor a para a acção interpessoal. O desenvolvimento interpessoal está intimamente ligado à resolução adequada das tarefas do desenvolvimento pessoal, influenciando ainda o sucesso escolar e a vida em geral.

DISCUSSÃO DE DILEMAS

Como estratégia para a promoção do desenvolvimento interpessoal propomos a «discussão de dilemas». Basicamente, o método consiste na apresentação de situações interpessoais problemáticas onde existe um conflito de interesses entre os intervenientes cuja resolução requer a consideração e coordenação de vários pontos de vista (tomada de perspectiva social) seguida de discussão. Os problemas - ou dilemas - são susceptíveis de introdução segundo estratégias variadas: podem ser lidos, dramatizados ou apresentados através de suportes audiovisuais (filmes, videogramas). A sua origem pode, igualmente, ser diversificada: dilemas hipotéticos, retirados ou construídos a partir do currículo académico, inventados pelos alunos e reais. A tendência inicial foi para utilizar dilemas hipotéticos, mas a avaliação destes programas demonstrou a maior eficácia - ligado certamente à maior pertinência, significado pessoal, motivação, investimento e envolvimento - do uso de dilemas reais (Azrak, 1978; Rundle, 1977, Coimbra, J., 1991). Neste caso, a discussão parte de situações do dia-a-dia dos alunos ou de problemas com que se confrontam actualmente, propostos por eles.

A essência da técnica reside na discussão dos dilemas que pode ser realizada em grupos - mais frequentemente - ou em díades. A discussão de dilemas interpessoais em grupo tem-se mostrado mais eficaz sempre que o grupo de discussão é um grupo natural (por exemplo, turma, família, grupo de vizinhança, equipa desportiva) em vez de um grupo constituído expressamente para o efeito (cf. Higgins, 1980). Os alunos devem ser estimulados a emitir as suas opiniões pessoais sobre o problema proposto e a escutar e considerar as opiniões dos outros.

O quotidiano da escola ou da turma fornecem uma multiplicidade das oportunidades que o professor pode aproveitar: situações problemáticas, ou mesmo conflituais entre alunos ou entre aluno e professor, decisões a tomar quando se oferecem várias alternativas aparentemente de igual interesse, legitimidade das regras e das normas da escola ou da turma, etc.

A acção do professor é determinante na utilização dos dilemas enquanto estratégias de promoção do desenvolvimento interpessoal e moral. Neste sentido, o professor deverá:

- a) proporcionar as condições para que a discussão em grupo se processe com funcionalidade e no clima de respeito mútuo pelas diferentes posições face ao problema;
- b) clarificar o problema prevenindo desvios que afastem a discussão do tema proposto e dos seus objectivos;
- c) encorajar os alunos a verbalizarem as suas razões. Mais do que as opiniões, é importante pôr em relevo o raciocínio utilizando questões de **como** e de **porque**;
- d) ajudar os alunos a ouvirem-se e a responderem-se;
- e) utilizar a inversão de papeis. É um procedimento que consiste em prôpor ao aluno que defenda com argumentos uma posição contrária à dele.
- f) estar preparado para lidar com situações de algum desconforto ou resistência por parte dos alunos;

(Extraído da obra “Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens” pp. 37, 38 e 39, Porto, 1990;)

Ponto 3: Desenvolvimento Sócio-Cognitivo - Desenvolvimento Interpessoal

3.1.1 Tomada de Perspectiva Social

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>A Tomada de Perspectiva Social</p> <p>Níveis de desenvolvimento da Tomada de Perspectiva Social.</p>	<p>Promover o desenvolvimento interpessoal dos alunos: melhorar a capacidade para avaliar, compreender e para agir na realidade interpessoal</p> <p>Capacitar o aluno para diferenciar, coordenar e integrar diferentes pontos de vista</p> <p>Promover a descentração do próprio caso;</p> <p>Ser capaz de tomar a perspectiva do outro;</p> <p>Saber colocar-se no ponto de vista do outro;</p>	<p>Discussão do Dilema das Amigas (Anexo B)</p> <p>-Apresentação do Dilema a Turma, se possível, dando o texto a cada aluno.</p> <p>-Encorajar os alunos a tomar uma posição sobre o que a personagem deveria fazer:</p> <p>.Que devia Chanda fazer?</p> <p>.Devia ir a S. Antão? Se sim, porquê? Achar que a Morabi vai ficar desiludida? Porquê?</p> <p>.Se ela não for, acham que essa decisão uma decepção para Jaílma? Porquê?</p> <p>.Se a Chanda decidir que vai, como é que deverá comunicar a sua decisão a Morabi?</p> <p>.Caso decida que não vai, como deverá explicar a sua decisão a Jaílma?</p> <p>.Se fossem vocês o que fariam?</p> <p>.Na "pele" de qual delas é que gostariam de estar? Porquê?</p> <p>.Na "pele" de quem não gostariam de estar? Porquê?</p>	

Ponto 3: Desenvolvimento Sócio-Cognitivo - Desenvolvimento Interpessoal

3.1.2. Estratégias de Negociação Interpessoal

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>.O desenvolvimento da organização para a acção interpessoal</p> <p>.Estratégias de Negociação Interpessoal</p> <p>.Níveis de desenvolvimento das Estratégias de Negociação Interpessoal</p>	<p>.Levar o aluno a tomar consciência de novas maneiras de encarar as relações conflituais;</p> <p>.Conhecer como é que as pessoas se organizam cognitivamente para a acção;</p> <p>.Promover o desenvolvimento da estrutura ENI;</p> <p>.Desenvolver competências para resolver situações de desequilíbrio, diferença ou conflito de interesses, necessidades ou objectivos entre duas pessoas;</p>	<p>.Discussão do Dilema do Samori (Anexo B1)</p> <p>.Distribuir uma folha com o dilema.</p> <p>.Dar um tempo para leitura e clarificação do conflito em questão;</p> <p>.Organizar os alunos em pequenos grupos e pedir-lhes que respondam a seguinte pergunta:</p> <p>”Qual será uma boa forma do Samori resolver este problema com o patrão”</p> <p>.Animar a discussão introduzindo questões subsidiárias;</p> <p>.Apresentar dilemas alternativos (Anexo D)</p>	

Ponto 4. Uso e abuso de drogas

O consumo de drogas é um fenómeno recente em Cabo Verde. A droga já chegou aos estabelecimentos de ensino afectando de forma dramática alguns jovens que já consomem drogas de forma compulsiva. Não existe no país qualquer serviço estruturado e adequado para o atendimento de toxicodependentes. Este ponto do programa pretende fornecer um conjunto de estratégias de acção orientadas para a prevenção do abuso de drogas na adolescência. A ênfase é, portanto, colocada na prevenção. Quando se pensa na prevenção a tendência tradicional consiste invariavelmente em **fornecer aos alunos informações acerca dos efeitos psicológicos, sociais e para a saúde decorrentes do uso de álcool e drogas**. Frequentemente, essas abordagens incluíam ainda, segundo Carvalho, J.N. (1990), dados sobre a farmacologia das diferentes drogas bem como alusões às consequências legais associadas à sua utilização, baseando-se no pressuposto de que o uso de drogas radica num desconhecimento dos seus riscos potenciais.

Como nota, Carvalho, J.N. (1990), embora a aplicação destas estratégias tenha registado uma popularidade inequívoca ao longo de várias décadas, algumas tentativas recentes de avaliação dos seus efeitos evidenciaram o seu limitado impacto em modificar as atitudes e comportamentos dos adolescentes numa direcção contrária ao uso de drogas. Segundo Stuart, (1974) cit. por Carvalho, J.N. (1990), o acento colocado na apresentação de informações sobre álcool e as drogas não só não constitui um meio eficaz no sentido de evitar que o jovem se inicie no consumo de drogas como pode mesmo produzir efeitos negativos, nomeadamente, um aumento do consumo dessas substâncias. Este risco poderia ocorrer, ainda segundo o citado autor, como consequência de fornecer certo tipo de informações que “diluiriam” os preconceitos que têm inibido o consumo de drogas nos adolescentes.

Sabe-se hoje que a decisão de usar drogas releva, não só de factores cognitivos (informações, conhecimentos), mas também de factores emocionais e afectivos (atitudes, valores e necessidades). Mas se a prevenção do abuso de drogas não deve limitar-se a transmitir informações, que procedimentos, métodos e estratégias deverão então ser adoptadas, nomeadamente pelo professor, tendo em vista uma actuação preventiva eficaz? Embora não seja uma receita acabada, um programa de prevenção ao uso de drogas deverá incluir uma “componente afectiva” que vise, em termos gerais, facilitar a análise das atitudes dos jovens recorrendo, para tal, a actividades que não reduzam os alunos a meros receptores de informações sobre drogas. Portanto, o aspecto central reside na criação de condições que permitam aos alunos reflectir e explorar livremente os seus sentimentos e experiências em relação ao álcool e drogas. A observância deste princípio implica fundamentalmente **uma actuação não autoritária e flexível** por parte do professor.

Ponto 4: Prevenção à Droga

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>Conceito de drogas</p> <p>Aspectos do consumo de álcool e drogas na adolescência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a relação entre rendimento escolar e uso de drogas - relação entre uso de drogas e o envolvimento em actividades delinquentes e antisociais 	<p>Ajudar o aluno a fazer face as influências sociais que favorecem o uso de álcool e drogas;</p> <p>Levar o aluno a tomar consciência das suas atitudes em relação ao uso dessas substâncias;</p> <p>Proporcionar ao aluno a oportunidade de analisar e discutir os seus valores em relação às drogas;</p> <p>Promover a participação e o envolvimento do aluno na prevenção da toxicod dependência;</p> <p>.. Permitir que o aluno reflita sobre o que tem feito, que (directa ou indirectamente) tem incentivado (ou não combatido) o uso de drogas.</p>	<p>Dinâmica de Grupo - "Mesa-Redonda"</p> <p>Pedir aos alunos para se organizarem em 5 grupos de 7 alunos. Pedir para escolherem um porta-voz</p> <p>Explicar-lhes que cada grupo irá representar um papel: um grupo será a escola, outro, a família, a sociedade, os amigos, e um grupo irá representar o adolescente que usa drogas.</p> <p>Pedir aos porta-vozes de cada grupo que, numa folha, anote:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ACTITUDES que têm incentivado o uso de drogas e anote em outra folha; - ACTITUDES que poderiam auxiliar o combate ao uso de drogas. <p>Cada grupo irá fazer uma lista para cada um destes itens, posicionando-se de acordo com o grupo que representam. Inclui-se o grupo que faz papel do jovem drogado também deverá avaliar as suas próprias atitudes: aquelas que têm feito com que ele não evite as drogas e aquelas que ele poderia ter, para não envolver-se com elas.</p> <p>Após o tempo determinado, reúna os alunos e convide os porta-vozes a formarem a "mesa" à frente dos outros alunos, de modo a serem facilmente visíveis por todos.</p> <p>O professor será o moderador do debate:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fazer as inscrições; controlar a ordem das perguntas, assegurar as respostas, controlar o tempo. <p>Após o grupo ter-se organizado para a mesa-re donda, os porta-vozes terão 5 minutos cada um para exporem as ideias do seu grupo. A seguir abre-se o debate para a plateia. Após 30 minutos de debate dever-se-á fazer a síntese da discussão e encerrar o tema, chamando a atenção dos alunos para os aspectos mais relevantes de toda a reflexão e discussão.</p> <p>Estratégias alternativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Elaboração de um Jornal de Parede com recortes de revistas, fotos, palavras, frases, poemas, pequenos textos, etc, sobre droga. -Composição: "as minhas ideias sobre a droga" - o que sei: o que penso da droga 	<p>10 min</p> <p>5 min</p> <p>30 min</p> <p>15 min</p> <p>40 min</p>

Pontos 5, 6, 7, 8, 9. Mudanças Sexuais na Adolescência

A abertura da sociedade cabo-verdiana para a questão da sexualidade, impõe a necessidade de se estabelecer com os jovens um diálogo franco a respeito da educação sexual. A sociedade contemporânea tem demonstrado crescente preocupação com os aspectos relacionados à gravidez precoce e à prevenção as doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, deve-se também levar em consideração a realização do indivíduo, o encontro de si mesmo e o seu relacionamento afectivo. Finalmente, a escola percebeu que não pode ficar alheia a um aspecto tão importante como esse. Como auxiliar o jovem aluno? O que ensinar, o que aprender e como? Como participar de modo positivo, ajudando-o no reconhecimento do seu corpo, da sua sexualidade, sem medo e sem culpa? Este ponto do programa pretende responder a estas e outras questões que preocupam os nossos jovens alunos. Com efeito, cabe a escola preencher as lacunas, erradicar preconceitos, aprofundar a informação, propiciar uma visão ampla da sexualidade, não ditar normas de conduta, enfim, ensinar o respeito pelo corpo, pelos sentimentos (do próprio e dos outros).

Pontos 5, 6, 7, 8, 9 : Mudanças Sexuais na Adolescência

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>As Mudanças no Corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Puberdade Feminina - A Puberdade Masculina <p>Comportamento Sexual</p> <p>Consequências de Relações Sexuais sem Protecção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gravidez Precoce - Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) <p>Contraceção</p> <p>Prevenção de DST/HIV/SIDA</p> <p>Mitos e Tabús Sexuais</p>	<p>Levar o aluno a identificar os órgãos do homem e da mulher, suas funções na reprodução e na resposta sexual.</p> <p>Conhecer as diferenças sexuais entre rapazes e raparigas;</p> <p>Compreender o processo de amadurecimento sexual;</p> <p>Promover a saúde sexual e reprodutiva;</p> <p>Propiciar ao aluno a familiarização com palavras ou expressões não-científicas sobre sexo.</p> <p>Desmistificar os preconceitos, mitos e tabús;</p> <p>Desenvolver uma atitude sã em relação ao sexo;</p> <p>Adquirir conhecimentos sobre a resposta sexual humana;</p> <p>Reflectir sobre a importância da contraceção na adolescência;</p> <p>Conhecer e manusear os métodos contraceptivos existentes;</p> <p>Conhecer os métodos anticoncepcionais mais adequados para adolescentes;</p> <p>Conhecer as características das diversas doenças sexualmente transmissíveis, incluindo SIDA (agentes causadores, sinais, comportamentos de risco, sintomas e consequências de tratamento não-adequado);</p>	<p>Dinâmica de Grupo: "Uma viagem através dos nossos corpos: somos iguais, mas diferentes..." (Anexo C)</p> <p>Dinâmicas Alternativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Batalha de Reprodução" (Anexo C1) - "Quebra-cabeça da Resposta Sexual" (Anexo C2) <p>Actividades sobre "Mitos e Tabús sexuais"</p> <p>Dinâmica de Grupo: "A Busca do Consenso" (Anexo C3)</p> <p>Dinâmicas Alternativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Quando eu não sabia nada..." (Anexo C4) - "Painel dos Mitos" (Anexo C5) <p>Actividades sobre contraceção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Painel dos Métodos" (Anexo C7) <p>Dinâmicas Alternativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Folha de Trabalho" (Anexo C8) - "Representação" (Anexo C6) <p>Actividades sobre DST:</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Canais de TV" (Anexo C9) 	<p>4h</p> <p>2h</p> <p>2h</p> <p>1h</p> <p>1h30</p> <p>1h</p> <p>1h30</p> <p>1h</p> <p>1h30</p> <p>2h</p> <p>2h</p> <p>1h15</p>

Ponto 10. Orientação Vocacional

Como se verificará pela leitura deste e dos outros pontos subsequentes do programa -relativamente a **orientação vocacional**, as actividades de orientação propostas não se identificam com os métodos clássicos e com a representação corrente que, tão frequentemente, se tem delas. O objectivo de identificar características psicológicas - capacidades, interesses, valores... -, geralmente através de testes, que pretendiam a produção de uma “radiografia” do individuo, tem cedido lugar a objectivos de transformação do aluno, de construção dos seus interesses, de desenvolvimento das suas capacidades, numa palavra: de desenvolvimento (vocacional) do jovem e da sua relação com o mundo (das formações e das profissões).

A passagem de um paradigma da orientação como “descoberta” para um de “construção” e de transformação constitui a marca distintiva de um modelo de práticas de orientação que pode ser designado, segundo Coimbra, J.L. (1993), por desenvolvimental-ecológico. Não cabendo, em espaço tão curto, a sua explanação e fundamentação, valerá, talvez, a pena destacar algumas características que emergem das propostas de actividades apresentados neste e nos outros pontos do programa sobre orientação vocacional. Em primeiro lugar, o problema da orientação é formulado a partir do objectivo de exploração dos investimentos do jovem e não do de fornecimento de informação: não se negligenciando a dimensão cognitiva, privilegiam-se, sobretudo, os afectos, os significados, as fantasias, estruturados na acção, isto é, nas relações que o jovem estabelece com o mundo.

Ponto 10. Orientação Vocacional

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>.O conceito de orientação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - como investimento - como construção <p>.Projecto de vida escolar e profissional</p>	<p>.Compreender a orientação como investimento; (querer/gostar/ preferir/fantasiar/sonhar)</p> <p>.Compreender a orientação como construção de um projecto de vida escolar e profissional;</p> <p>.Promover o conhecimento de si próprio;</p> <p>.Elaborar um projecto vocacional;</p> <p>.Explorar interesses e aspirações;</p> <p>.Definir um projecto de vida;</p>	<p>.Guião do Filme "A minha Vida aos 30 anos"</p> <p>.Pedir aos alunos que realizem um Guião para o Filme. O Guião deve conter toda a informação sobre a personagem principal (o próprio aluno com 30 anos). Este deve ser caracterizado quer física, quer psicológicamente, assim como todas as outras personagens do filme (Conjuge, filhos, amigos, familiares,etc).</p> <p>.Deve situar-se (onde decorre a acção, como vive, a habitação, o local, etc).</p> <p>.Definir a ocupação ou profissão exercida, assim como o dia a dia de trabalho.</p> <p>.Abordar também a ocupação dos tempos livres e os sentimentos que possui em relação a todo este modo de vida, assim como, o modo como será visto pela sociedade em geral.</p> <p>.Após a sua elaboração, cada aluno apresenta o seu Guião à Turma que avaliará da possibilidade ou não, de este filme ser realizado, fundamentando a sua opinião.</p> <p>.Visita de profissionais a escola:</p> <ul style="list-style-type: none"> - palestra sobre as suas actividades profissionais; - entrevista aos profissionais; - organização de visitas aos locais de trabalho dos profissionais; 	

PROGRAMA DO 2º CICLO
DE FORMAÇÃO PESSOAL E
SOCIAL

10º ANO DE ESCOLARIDADE

Introdução

Na linha do programa do 9º ano, o presente programa incidirá principalmente na questão da **aquisição da autonomia** e na promoção do **desenvolvimento interpessoal**. A concepção subjacente a introdução deste ponto do programa é a de que a promoção do desenvolvimento psicológico é parte da educação psicológica de que adolescentes e jovens carecem. A perspectivação desta questão no contexto da disciplina de FPS responde a dificuldades que vimos constatando nos alunos destes níveis etários e é reforçada por asserções de especialistas neste domínio de intervenção. Hamblin (1974) citado por Coimbra, J. (1986) defende a necessidade de “programas de actividade social” ao longo dos anos de escolaridade. Nelson -Jones (1986) após uma revisão de estudos de desenvolvimento, implementação e avaliação de programas de treino de competências de relacionamento interpessoal em escolas dos EUA, Grã Bretanha e Austrália, constatou uma preocupação crescente por esta área e atribuiu-lhe mesmo a importância, em termos de vida futura, que a que atribuiu para outros domínios de actividades escolares e extra-escolares. Segundo este autor, é importante termos em conta que não é habitual que alunos de escolas secundárias pensem no seu relacionamento com os outros em termos de competências sociais. Por outro lado estas competências devem ser encaradas como escolhas, decisões que cada jovem tem que tomar em cada situação das suas vidas, nos diversos cenários e papeis existentes. Os conteúdos e actividades apresentados neste ponto do programa pretende ser uma pequena contribuição para a promoção de melhorias na competência e performance dos alunos no seu dia-a-dia. Ao nível dos resultados pretendidos, espera-se que os alunos ganhem: a) **confiança em si**; b) **capacidade de ouvir correctamente os outros**, c) **capacidade em falar de si próprio**; d) **capacidade de defender o seu ponto de vista**.

Ponto 1 . Apresentação do Grupo-Turma e Recolha de Expectativas

Este ponto do programa pretende levar os elementos da turma a interagirem entre si. O objectivo final é que cada integrante seja apresentado facilitando-se assim os primeiros contactos, entre o grupo-turma, num clima de descontração.

Ponto 1: Apresentação do Grupo-Turma e Recolha de Expectativas

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>.Apresentação do professor, dos alunos e do programa.</p> <p>.Competências de comunicação</p> <p>AUTONOMIA</p> <p>.O que é a autonomia</p>	<p>.Apresentar os elementos da turma</p> <p>.Permitir a cada elemento comunicar as suas expectativas</p> <p>.Avaliar as dificuldades sentidas por cada aluno ao nível da comunicação</p> <p>.Permitir a exploração do conceito de autonomia</p> <p>.Confrontar crenças irracionais associadas ao conceito de autonomia</p> <p>.Propiciar a verbalização de sentimentos</p> <p>.Propiciar a construção do conceito de autonomia num contexto de interdependência</p>	<p>.Palavras-chave (Anexo F)</p> <p>.Desenho Colectivo (Anexo G)</p> <p>.Carta mistério (Anexo H)</p> <p>."O Livro" (Anexo I)</p> <p>.Grelha de avaliação pessoal (Anexo J)</p> <p>."O que é ser autónomo"</p> <p>No início da actividade o professor escreve no quadro a seguinte questão: "O que é ser autónomo?" e sugere aos alunos que durante 5 minutos reflitam sobre o conceito de autonomia e o organizem segundo três dimensões: o agir, o pensar e o sentir. O professor escreverá no quadro as várias frases dos participantes em três colunas diferentes. A partir do material organizado gera-se uma discussão, fomentando a verbalização de sentimentos e pensamentos associados ao conceito de autonomia. O professor deverá focalizar a actividade na construção do conceito de autonomia num contexto de interdependência.</p>	<p>50 min</p> <p>50 min</p> <p>50 min</p> <p>50 min</p> <p>50 min</p> <p>50 min</p> <p>50 min</p>

Ponto 2.Exploração do EU (SELF) - Janela de Johari

O processo de dar e receber informações é um dos aspectos centrais do desenvolvimento de relações esclarecidas, maduras e positivas entre as pessoas. É mediante a informação que recebemos que se torna possível concretizar as palavras do poema: "Ver-nos a nós próprios como os outros nos vêem". Dois psicólogos, Joseph Luft e Harry Ingham, elaboraram uma janela para ilustrar o processo de dar e receber informações sobre si mesmo e sobre os outros. A introdução deste ponto programático talvez, seja uma boa contribuição para o aluno formar uma ideia muito clara de muitos dos seus comportamentos e lhe ofereça alguma solução para enfrentar as suas dificuldades nas relações interpessoais por forma a fazer da sua participação social na comunidade uma expansão realizadora para si mesmo e para aqueles que com ele vivem.

Ponto 2: Exploração do EU (SELF) - Janela de Johari

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>.Noção do EU/SELF</p> <p>.A Janela de Johari:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Montra ou área livre -Manha Cega ou sombra -Fachada ou área oculta -Desconhecido ou área ignorada 	<ul style="list-style-type: none"> .Explorar o conhecimento de si próprio e dos outros .Confrontar a percepção que cada aluno tem de si próprio, com a imagem que os outros têm acerca dele mesmo; .Capacitar o aluno para enfrentar as suas dificuldades nas relações interpessoais; .Proporcionar ao aluno ocasiões que permitam a comunicação interpessoal; .Despertar o aluno para comportamentos que a "Fachada" e a "Manha Cega" são áreas predominantes no relacionamento interpessoal. .Consciencializar e sensibilizar o aluno para comportamentos e atitudes que dificultam o relacionamento interpessoal; .Levar o aluno a tomar consciência da parte das informações que dá aos outros e das informações que recebe dos outros sobre a forma como eles o percebem; 	<p>Janela de Johari (Anexo L)</p>	

Ponto 3. Desenvolvimento Interpessoal

A escolha da dimensão do desenvolvimento interpessoal psicológico para ocupar um lugar de destaque no programa do 2º ciclo da disciplina de FPS vai de encontro ao reconhecimento da relevância deste domínio no processo de construção da autonomia e da identidade dos jovens. Com efeito, alguns estudos tem mesmo sublinhado a importância de dificuldades de relacionamento interpessoal sentidas muito especialmente por jovens no contexto da sua relação com pares e com adultos (Soares & Campos, 1985; Nelson-Jones, 1986 citados por Coimbra, J.L., 1991). O objectivo deste ponto programático é ajudar o aluno a estabelecer relações mais ricas, positivas e maduras, quer com os seus amigos e pares, quer, ainda, com figuras significativas como os pais e professores. Portanto, o presente programa aborda aspectos significativos da vida social dos adolescentes, isto é, as relações interpessoais horizontais (grupo de pares, amigos, etc) e relações interpessoais verticais (pais, professores, etc) que eles estabelecem nesse período de desenvolvimento.

Ponto 3.1 Relações Interpessoais Horizontais . Grupo de Pares e Amizade

A adolescência é marcada por mudanças desenvolvimentais significativas. Para além das mudanças corporais e psicológicas são, igualmente, significativas as mudanças que ocorrem na vida social do adolescente. É precisamente na segunda fase da adolescência que a amizade e o grupo de pares ganham especial importância. Para o adolescente, os amigos são fundamentais. Segundo Sampaio, D. (1993), encontrar um rapaz ou uma rapariga de dezasseis anos que não refere amizades, permanece fechado em casa e sai apenas aos domingos para dar a **volta dos tristes**, constitui sinal de alarme na adolescência.

Segundo Selman (1977), embora os níveis da Tomada de Perspectiva Social (TPS - ver programa do 9º ano) representem processos desenvolvimentais, trata-se ainda de processos formais sem conteúdo psicológico. Neste sentido Selman procurou estudar também o desenvolvimento das concepções interpessoais como p. ex., as concepções de amizade. A metodologia seguida na avaliação das concepções de amizade é idêntica à utilizada no estudo da TPS. A partir da apresentação de um dilema, a estratégia centra-se na discussão e contra argumentação do que o aluno pensa sobre a temática em questão, tendo em conta um conjunto de temas específicos a abordar e a explorar: formação da relação de amizade, intimidade, ciúme, conflitos, etc.). O desenvolvimento das concepções de amizade reflecte a evolução da estrutura que lhe está subjacente, a tomada de perspectiva social (TPS). Em linhas muito gerais poderia caracterizar-se a evolução desta estrutura através da passagem de níveis sucessivamente mais diferenciados e complexos: iniciando-se por um nível (0) de indiferenciação (entre características físicas e psicológicas) e de egocentrismo (confusão entre o ponto de vista pessoal e do outro) passa para um nível (1) de diferenciação progressiva entre as características físicas e psicológicas, entre o ponto de vista pessoal e do outro (2ª pessoa) e para uma maior compreensão da vida psicológica (início da adolescência). Num nível mais avançado (3) há já a possibilidade de sair do seu próprio ponto de vista e do outro, para assumir a perspectiva do sistema (3ª pessoa), vendo-se simultaneamente como actor e observador, actuando e reflectindo sobre o efeito das suas acções (Observing Ego). O nível mais avançado (4) é, em certa medida, a generalização e a diferenciação do 3º nível, traduzida na capacidade de abstrair múltiplas perspectivas mútuas.

Ao longo da adolescência, o jovem vai evoluindo do 2º para o 3º nível; de uma tomada de perspectiva recíproca (possibilidade de se colocar no ponto de vista do outro e compreensão de que o outro também é capaz de disso) o que é equivalente à possibilidade de regressão infinita (eu sei que tu sabes que eu sei...), o jovem aluno vai progressivamente adquirindo a capacidade para tomar a perspectiva do próprio sistema relacional (3º pessoa), o que é equivalente à aquisição de uma verdadeira mutualidade. Ao nível das concepções da amizade, o desenvolvimento processa-se de forma paralela. No início da adolescência (2º estágio), as concepções de amizade reflectem já uma orientação verdadeiramente interpessoal, traduzida no reconhecimento das motivações, pensamentos e necessidades do outro, e não apenas de si próprio; intimidade, partilha, confiança, são compreendidas num contexto de reciprocidade, embora ainda limitada a contextos e casos específicos e voltada para os interesses de si próprio e não para os interesses mútuos da relação. Neste 2º estágio a amizade é pois concebida em termos de “cooperação justa”. No 3º estágio o jovem vai concebendo-a em termos de partilha íntima e mútua. A concepção da amizade centra-se agora na própria relação, na colaboração em função do interesses pessoais, como nos estádios anteriores amigos são aqueles que partilham experiências, que se procuram conhecer mutuamente, ao nível de uma certa profundidade e intimidade, procurando manter e enriquecer a relação. Este clima de proximidade psicológica transparece também nas noções de ciúme e de conflito, concebida numa perspectiva positiva de reforço e de enriquecimento da relação, de comprometimento de ambos os parceiros num “trabalho relacional” comum, que satisfaça verdadeiramente ambos.

Nesta fase (a fase média da adolescência) o grupo de pares ganha uma importância crescente para o adolescente. É em conjunto com os pares que os jovens aprendem a negociar, a cooperar, a competir, melhora ainda, segundo E. Cohen citado por Detry, B. (1992), as relações interpessoais, aumentando a confiança e a amizade (...). De facto os iguais são, ao longo de todo o desenvolvimento humano, agentes importantes no processo de socialização do indivíduos, pois convivendo com aqueles que estão numa situação idêntica, “no mesmo barco”, pode, segundo Soares, I. (1990) ser mais fácil e até mais rico construir o novo percurso, uma vez que há solidariedade, mutualidade, apoio para enfrentar novos desafios. Por outro lado, o grupo de pares é uma ocasião para o envolvimento, integração e participação do jovem na comunidade. Também, para Sampaio, D. (1993), o relacionamento com os pares e colegas está estreitamente relacionado com a progressiva independência face à família. Os iguais são também importantes na aquisição da autonomia do jovem face

a família. O grupo de pares oferece ao jovem oportunidades genuínas de desenvolvimento e crescimento pessoal. Existem, contudo, possibilidades do grupo ter influências negativas sobre o jovem. O adolescente, ao procurar a sua integração num determinado grupo, corre riscos, porque o poder de influência do grupo tanto pode fazê-lo “sentir-se nos pináculos da lua ou mais de rastos do que a lama” (expressão popular citado por Soares, I. (1990)). Portanto, os pares têm a chave da popularidade ou da rejeição.

Como nota Soares, I., a escola constitui um espaço institucional privilegiado para a interação entre pares. Estudos feitos neste âmbito têm demonstrado que, quando o trabalho de grupo com pares é ocasião de conflito sócio-cognitivo, constitui uma oportunidade de desenvolvimento intelectual, e, ao mesmo tempo, de desenvolvimento social, numa dupla descentração: a um nível cognitivo mais complexo e na abertura ao ponto de vista do outro. De facto, quando as condições na sala de aula permitem o contacto entre os alunos, estes têm uma maior variedade de experiências interpessoais (Cf. Epstein 01982, citado por Soares, I, 1990). Ainda segundo a citada autora, as estratégias de instrução na sala de aula como, por exemplo, o tipo de participação dos alunos na turma, o modo como são geridas as recompensas aos alunos pelo seu trabalho individual ou no grupo ou, ainda, como são planeadas e implementadas as tarefas de aprendizagem afectam as formas de contacto entre os alunos e influenciam as suas relações com os pares. Resumindo e concluindo, a escola tem um impacto significativo no desenvolvimento interpessoal dos alunos, seja através da organização dos currículos e das actividades extra-curriculares, seja através da organização do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, daí a nossa decisão em incluir este conteúdo no programa do 10º ano de FPS.

Ponto 3.1: Relações Interpessoais Verticais. Grupo de Pares e Amizade

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIA	TEMPO
<p>Definição de Amizade</p> <p>A importância da amizade:</p> <ul style="list-style-type: none"> .a confiança .a intimidade .apoio e solidariedade .a lealdade <p>Características de um grupo</p> <p>Importância do grupo de pares</p> <p>As influências de grupo de pares;</p>	<p>Compreender a importância da amizade no desenvolvimento psicológico;</p> <p>Saber fazer amigos (desenvolver e manter amizades);</p> <p>Saber ser amigo (saber partilhar, aceitar, compreender, ser íntimo e atender as necessidades do outro);</p> <p>Tomar consciência do papel da intimidade, confiança, lealdade e da solidariedade no desenvolvimento da amizade;</p> <p>Compreender a importância do grupo de pares para a sua inserção na comunidade e para o seu desenvolvimento psicológico;</p> <p>Melhorar o seu relacionamento com os pares;</p> <p>Tomar consciência das influências positivas e negativas do grupo no seu comportamento;</p> <p>Saber gerir as relações entre os pais e o grupo de pares</p>	<p>Discussão do dilema de Helga (Anexo E)</p> <p>Aplicação: "Questionário de frases a completar sobre a amizade"</p> <p>Utilização do método clínico/crítico para análise dos questionários;</p> <p>Debater com os alunos os motivos por que muitos adolescentes preferem discutir os seus problemas com os seus amigos do que com os pais;</p> <p>Desenvolver uma dramatização, na qual um grupo de raparigas discute as suas reacções em relação a vários rapazes. Prosseguir com outra cena igual na qual um grupo de rapazes fala dos seus encontros com algumas raparigas. Continuar com uma discussão geral da turma, a respeito do que os rapazes dizem acerca das raparigas e vice-versa;</p> <p>Como ajudar um amigo que está a atravessar uma crise. Dramatizar a crise, para observar como cada aluno lida com a situação;</p> <p>Discutir a importância de se sentir aceite e de pertencer a um grupo;</p>	

Ponto 3.2 Relações Interpessoais Verticais . Autonomia face aos Pais

Quando os filhos ultrapassam a puberdade, contactam com o exterior e trazem para a família a inovação e o desafio, agora já possuídos de mais força e menos temor, deixam de sentir pertença dos pais, porque o seu poder aumentou e a sua ânsia de serem autónomos faz considerar, segundo Sampaio, D.(1993), tantas vezes como intrusiva uma simples aproximação da mãe. Sampaio, D., considera que para os pais, este é um momento muitas vezes doloroso, sentir que o seu poder diminuiu e que o seu papel aparentemente é menos importante. Ocorre, nesta fase, uma acentuada **oposição face aos pais** acompanhado de uma **atitude conformista** face aos pares: o adolescente adopta modos de vestir e falar característicos do grupo de pares, cuja função é proporcionar a sua integração neste grupo, acentuando as semelhanças intra-grupo e a sua diferenciação dos adultos(pág.56). Por outro lado, o adolescente descobre que os pais não são competentes para resolver todas as situações. Para Menezes, I.(1990), esta descoberta é particularmente perturbadora porque em causa não só a estrutura de relações com os pais com também a imagem de si: na medida em que duvida de si mesmo afirma-se ruidosamente de uma maneira arrogante e agressiva; trata de se fazer notar através das suas proezas, das suas excentricidade, de atitudes tão chocantes como torpes e transitórias. Para ser ele mesmo, para afirmar-se a si próprio nesta posição, tem que separar-se e diferenciar-se de tudo o que tenha relação com a sua posição anterior; também os seus pais e o seu meio familiar terão que pagar por esta afirmação que no início é de um carácter essencialmente opositor. Estudos sobre a relação pais-filhos tem demonstrado que os adolescentes têm, normalmente, uma forte vinculação com a família. Como nota Menezes,I.(1990) apenas alguns adolescentes têm dificuldades em lidar com os pais e a maioria é capaz de comunicar com eles sobre as várias dificuldades e preocupações com que se confrontam. A qualidade da relação pais-filhos é determinante no processo de aquisição da autonomia. Como os estudos de Manuela Fleming têm demonstrado, a capacidade de um jovem atingir a autonomia está relacionada não só com a capacidade dos pais estimularem a separação mas também com a qualidade emocional do vínculo que liga pais e filhos adolescentes(p.243). Como afirma esta autora (citada por Sampaio,D.),«se a emoção básica for o amor, o adolescente progride na sua capacidade de se individuar e separar. Se a emoção básica for a hostilidade, o adolescente não encontra a base segura a partir da qual inicia o processo de separação (...). Portanto, só é possível um

adolescente tornar-se independente psicológicamente se for capaz de abandonar o vínculo afectivo que o ligava aos pais ou os seus substitutos parentais (...) (p.243). A escola e a família são contextos de desenvolvimento dos adolescentes de forma que é útil a procura de uma complementaridade de papéis. Este ponto programático visa ajudar os alunos a adquirirem competências de comunicação e de negociação com os pais. Deste modo, e tendo em conta, o papel da qualidade da relação pais-filho na aquisição da autonomia que achamos pertinente a introdução deste ponto do programa.